

# Arte armada

**A** Democracia está solta. Como Deus. E quem tiver saco suficiente que se prepare para ser assaltado sem prévio aviso por uma performance, por uma intervenção, pelos cambaus. O populismo é a bandeira da dita Nova República (que segundo Joel SIlveira já vai fazer bodas de prata) e a cultura grassa nas mãos de artistas e arteiros. As províncias se instalaram ao gosto da corte e o francês volta a ser a língua oficial. A selva amazônica deve ser detetizada asepticamente por Correge, Chanel, Saint-Laurent, Cardin e Madame Rochas pra gosto dos culturilistas. E nós, aqui, na penúria, lamentando a falta de um xinxim de bispo sardinha.

Os artistas plásticos de Brasília foram literalmente à luta na semana passada. Todas pessoas boas, todos bons artistas, todos geniais, se revelaram verdadeiros báluarotes da nossa "cultura". Integrando conhecimentos de capoeira, judô, karatê e boxe, entraram no pau frente às câmaras de televisão e jornais. Deprimentemente fizem o que o sistema quer: mostrar a irresponsabilidade do artista e sua boa vontade com eles. "Coltados, tão peraltas, mas genials... dá um chequinho pra eles. São muito divertidos. Nos divertem, nós pagamos". E dê-lhe porrada. Quando a atitude fascista toma conta da manifestação, quando um artista se julga no direito de literalmente atear fogo às vestes alheias, há que se analisar melhor o fato. Não basta lamentarmos os amigos genials. É preciso um pouco mais de rigor.

Brasília é prodiga em espaço e o projeto Arte Na Rua demonstrou que uma interferência não se faz apenas no papel, nem se gerá em gabinetes. Brigar por espaço em Brasília é desconhecer da forma mais burra sua escala arquitetônica e consequente isolamento do indivíduo tanto decantado por alienigenas incrustados em postos-chave na área de cultura. Um artista não passa do risco à rua com a mesma facilidade com que passa de uma folha de papel para outra. Há mais a considerar. Não se intima qualquer artista plástico para uma intervenção urbana (outro nome da moda) sem que ele tenha demonstrado antes alguma disposição, algum desejo, algum vislumbre por esse tipo de expressão. Ou então, que tenha tempo suficiente para se acostumar à idéia. Caso contrário, corre o risco. — como correu —, de se portar como o provinciano que nunca comeu melado.

A Funarte expediu nota lamentando o pugilato na rua. Não devia

lamentar por dois motivos: o primeiro, é que os artistas plásticos acabaram chamando a atenção para as artes cênicas, coisa que nosso teatro não tem conseguido, satisfazendo um propósito por intermédio de outro; e o segundo, que se ela achou que ia tudo correr as mil maravilhas e podia fazer o que sempre faz, registrar seu crédito, que registre agora também seu débito. E mais, reconhecer que se não soube contornar provincialismos estrelísticos e conjugar disposição espacial, foi para não ter conseguido durante o tempo todo em que trabalhou com os "lutadores", entender do que eles eram capazes.

Há quem lamente o fato de a briga ser mais noticiada do que a interferência dos artistas. "Afinal, a violência é comum no futebol, em outras demonstrações públicas!" Claro ... mas o que chama atenção num espetáculo é o que tem mais motivação, o que tem mais "presença". E não se pode negar que a presença pugilística "apareceu" mais, "roubou a cena" dos objetos expostos. Estes serviram apenas de cenário. E é comodo agora atribuir — também fascistamente — a culpa do sucesso à imprensa e ao público. De qualquer forma, é lamentável, sob todos os aspectos, que alguém, entre pessoas diferenciadas por uma sensibilidade mais apurada, queira impor suas vontades na porrada. Por acaso não é unanimidade nacional a batalha contra a violência?

Não fiquemos na brincadeira, na superfície. Será que não tem nenhuma bandeira ali? nenhuma contradição entre discurso e prática? O que conhecemos nos desta cidade? brigamos por espaço numa área onde o próprio escritório da Funarte é conhecido pelo seu isolamento, por um gramado quilométrico, numa cidade onde é ridículo brigar por ele, tanto física quanto simbolicamente! Acho que os padões "democráticos" de cultura acabaram nos aprontando uma peça. Estamos reconhecendo o homem na escola da cidade, estamos considerando a loucura que é ter que enfrentar diariamente um horizonte de 360 graus e a superoxigenação que a luz natural da cidade ativa? Ou queremos brincar de arte, sem reconhecer o espaço que nos cerca, impunemente? Sejam quais forem os motivos, nenhum é relevante a ponto de aplaudir a violência.

Nesse caso, a melhor interferência foi a do Cruz nas Emergências. E só chamar que ele ainda está com tudo em cima.